

# *A Patente*

*Luigi Pirandello*

**Tradução: Pedro Murad**

Pirandello, um dos maiores escritores italianos, nasceu em Agrigento, na Sicília. Escreveu romances, novelas, poemas, contos, dramas, ensaios, um roteiro para cinema e um libreto de ópera, onde se destacam: *O falecido Mattia Pascal*, *Um, nenhum e cem mil*, *Seis personagens a procura de um autor*, *Assim é (se lhes parece)*, *Os gigantes da montanha*, *Esta noite se improvisa*, *O humorismo*, entre outros. Prêmio Nobel de Literatura em 1934, faleceu dois anos depois, em Roma.

A comédia *A Patente* (*La Patente*) surge em meio ao distanciamento do autor com o verismo, o realismo que caracteriza a literatura italiana na passagem do século XIX para o século XX, pela maturação do relativismo, do instável, da impossibilidade de sentido, incomunicabilidade, características essenciais na escrita pirandelliana.

*A Patente* é uma adaptação e do conto homônimo escrito anteriormente por Pirandello, reunido e publicado com outros contos do autor em *Novelle per un anno*. Em 1954, foi levada para o cinema pelo comediante italiano Totò, no filme *Questa é la vita*.

A comédia gira em torno de dois personagens: *il giudice* D'Andrea e Rosario Chiàrchiaro, um *jettatore*, figura conhecida na cultura popular italiana, termo sem tradução precisa para o português, como que caipora, péfrio, azarento, alguém que lança um mau-olhado, uma maldição.

Desviando-se da comediografia tradicional, Pirandello opera uma ruptura, onde a personagem cômica — neste caso, o *jettatore* Chiàrchiaro — incorpora deliberadamente a própria destruição, toma para si a máscara cômica, num processo de inversão, onde a comicidade ganha um sentido inteiramente novo, impensável na comédia tradicional, onde o riso revela-se lenitivo. O riso pirandelliano, ao contrário, saúda a própria morte, pela dissolução implacável do indivíduo, de qualquer sentido. Um modo de engendramento do cômico, que no contemporâneo, está por toda parte.

A presente tradução se fez a partir do texto contido no vol. 7 de *Maschere nude*, editado pela Arnoldo Mondadori, em 1954 e inédita em língua portuguesa no Brasil.

## A PATENTE

### Comédia em um ato de Luigi Pirandello

Personagens:

O juiz D'ANDREA

MARRANCA, oficial de justiça

Três outros Juízes

ROSARIO CHIÀRCHIARO

ROSINELLA, sua filha

*Gabinete do Juiz D'Andrea. Estante grande ocupa quase toda a parede ao fundo, cheia de caixas com arquivos, abarrotados de documentos. Escrivaninha sobrecarregada de papéis, à direita, ao fundo. Ao lado, à parede da direita, uma outra prateleira.*

*A cadeira de braços de couro do juiz, junto à escrivaninha. Outra cadeira antiga. O ambiente é antiquado. Na parede direita, a porta.*

*À esquerda, uma janela ampla, alta, com vitral antigo. Perto da janela, uma coluna sobre a qual vê-se uma grande gaiola. Num canto, uma portinhola oculta.*

*D'Andrea entra pela porta com chapéu à cabeça e sobretudo. Carrega na mão uma gaiolinha um pouco maior que um palmo. Vai até a gaiola maior, abre a portinhola, depois a portinhola da gaiolinha donde retira um pintassilgo, transferindo-o para a gaiola maior.*

D'ANDREA:

Aí, dentro! Entre, seu preguiçoso! Oh, pronto... Quietinho agora e basta. Me deixe conduzir a Justiça entre essa raivosa e mesquinha humanidade!

*Retira o sobretudo e o chapéu e colocando-os no cabide. Senta-se à escrivaninha; pega os autos do processo que deve instruir, os sacode ao ar impaciente, e resmunga:*

D'ANDREA:

Ah, meu caro...

*Fica absorto, pensando, após um tempo toca a campainha. Entra o oficial de justiça Marranca.*

MARRANCA:

Às ordens, senhor juiz!

D'ANDREA:

Tome, Marranca: vá ao Beco do Forno, aqui perto, à casa do Chiàrchiaro.

MARRANCA: *(num salto para trás, fazendo um sinal de esconjuro com as mãos)*  
Pelo amor de Deus! Não diga este nome, senhor juiz!

D'ANDREA: *(irritadíssimo, batendo na escrivaninha com o punho)*

Basta, por Deus! Proíbo-lhe de proferir assim, na minha frente, tanta asneira, prejudicando um pobre homem. E que fique bem claro!

MARRANCA:

Desculpe, senhor juiz! Mas eu disse também pelo seu bem...

D'ANDREA:

Ah, e ainda insiste?

MARRANCA:

Não falo mais! Não falo mais! O que deseja que eu vá fazer na casa deste... deste... cavalheiro?

D'ANDREA:

Diga que preciso falar-lhe, e que se apresente imediatamente.

MARRANCA:

Imediatamente, senhor Juiz. Como deseja. Mais alguma ordem?

D'ANDREA:  
Nenhuma. Vá!

*Marranca sai, segurando a porta para dar passagem a outros três juizes, que entram vestindo toga e touca. Trocam saudações com D'Andrea, e vão os três olhar o pintassilgo na gaiola.*

PRIMEIRO JUIZ:  
O que disse, hein, este senhor pintassilgo?

SEGUNDO JUIZ:  
Sabe que é realmente curioso com este passarinho?

TERCEIRO JUIZ:  
Toda a cidade chama: o "Juiz Pintassilgo"!

PRIMEIRO JUIZ:  
Cadê, cadê a gaiolinha?

SEGUNDO JUIZ: *(pegando a gaiolinha da escrivaninha onde estava guardada)*  
Aqui está ela! Meus senhores, olhem: coisa de menino! Logo um homem tão sério...

D'ANDREA:  
Ah, eu? Coisa de menino? Por conta desta gaiola? E vocês, então, se comportando assim?!

TERCEIRO JUIZ:  
Ei, ei, nós honramos a toga!

D'ANDREA:  
Mas chega, não brinquemos mais! Onde estamos?! Quando garoto, brincava com os meus amigos "No Tribunal". Um era o réu, outro, presidente do júri; e também, juizes, advogados... Brincavam também os senhores e lhes asseguro que, naquele tempo, éramos todos bem mais sérios!

PRIMEIRO JUIZ:

Ei, nada disso!

SEGUNDO JUIZ:

Tudo sempre acabava em pancadaria!

TERCEIRO JUIZ: *(mostrando uma velha cicatriz na testa)*

Olhem cá: uma cicatriz de uma pedrada que levei de um advogado de defesa, enquanto fugia do promotor!

D'ANDREA:

Tudo que havia de belo na toga era a grandeza, e dentro dela nós éramos meninos. Agora é o oposto: nós, grandes, e a toga — o mesmo jogo de quando éramos meninos. É preciso coragem para usá-la a sério.

*Pega os autos do processo Chiàrchiaro.*

D'ANDREA:

Aqui está, meus senhores. Eu devo instruir este processo. Nada de mais iníquo que este processo. Iníquo, porque contém a mais desumana injustiça contra a qual um pobre diabo tenta rebelar-se, sem nenhuma probabilidade de salvar-se. Há uma vítima aqui, que mal pode pegar-se com um. Quis, logo neste processo, pegar-se com dois. Com os dois primeiros que lhe apareceram, e — sim, senhores — a justiça deve lhe ser implacável, implacável, sem volta, ratificando assim, ferozmente, a iniquidade de que este pobre homem é vítima.

PRIMEIRO JUIZ:

Mas que processo é esse?

D'ANDREA:

Aquele aberto por Rosario Chiàrchiaro.

*Num segundo, ao ouvir o nome, os três juízes, como Marranca, dão um salto para trás, fazendo um gesto de esconjuro, assustados, gritando:*

JUIZES:

Pela Madona Santíssima! Isola! Quer ficar quieto!

D'ANDREA:

Pronto, viram? E deveriam justamente os senhores fazer justiça a este pobre homem!

PRIMEIRO JUIZ:

Mas que justiça?! Trata-se de um louco!

D'ANDREA:

Um desgraçado!

SEGUNDO JUIZ:

Pode ser até um desgraçado... Mas, desculpe, é definitivamente um louco! Move uma ação por difamação contra o filho do prefeito, nada menos, e ainda...

D'ANDREA:

... contra o assessor Fazio!

TERCEIRO JUIZ:

Por difamação?

PRIMEIRO JUIZ:

É isso mesmo, compreende? Porque, segundo relata, surpreendeu os dois fazendo um gesto de esconjuro, quando passava por eles.

SEGUNDO JUIZ:

Mas como difamação se em toda cidade, há pelo menos dois anos, está difundidíssima sua imensa fama de pé-frio?

D'ANDREA:

E muitas testemunhas podem vir ao tribunal e jurar que em tantas e tantas ocasiões ele deu sinais de conhecer bem esta sua fama maldita, reagindo com protestos furiosos!

PRIMEIRO JUIZ:

Ah, veja? E você mesmo o diz!

SEGUNDO JUIZ:

Ora, como condenar, em sã consciência, o filho do prefeito e o assessor Fazio por difamação por terem feito algo que há tempos costumam fazer todos, abertamente?

D'ANDREA:

Inclusive os senhores...

JUÍZES:

Claro! É terrível, sabia? Deus nos livre e guarde!

D'ANDREA:

E depois ficam espantados, meus amigos, que eu traga comigo um pintassilgo? Mesmo assim, o trago — os senhores sabem — porquê estou sozinho há um ano. Era de minha mãe esse passarinho. Para mim é a lembrança viva dela: não poderia me separar. Falo com ele, imitando, assim, seu trinado, o seu canto — e ele me responde. Eu não sei o que lhe digo; mas ele, se me responde, é sinal que capta qualquer sentido nos sons que lhe faço. Tal como nós, meus amigos, quando acreditamos que a natureza nos fala com a poesia de suas flores, ou com as estrelas do céu, enquanto a natureza talvez nem perceba nossa existência!

PRIMEIRO JUIZ:

Siga, siga, meu caro, com esta filosofia, e verá como acabará bem!

*Ouvem-se batidas na porta, vê-se a cabeça de Marranca, sinalizando querer entrar.*

MARRANCA:

Posso entrar?

D'ANDREA:

Entre, Marranca!

MARRANCA:

Em casa, ele não estava, senhor juiz. Ordenei a uma de suas filhas que, ao chegar, o mandem pra cá. Mas, veio comigo a menorzinha delas: Rosinella. Se vossa senhoria quiser recebê-la...

D'ANDREA:

Mas não: eu quero falar com ele!

MARRANCA:

Disse que deseja lhe fazer não sei que pedido, senhor juiz. Está toda apavorada.

PRIMEIRO JUIZ:

E nós nos vamos indo. Até mais ver, D'Andrea!

*Trocam felicitações. Os três juízes saem.*

D'ANDREA:

Então, faça-a entrar!

MARRANCA:

Imediatamente, senhor juiz.

*Sai Marranca. Rosinella, dezesseis anos, pobremente vestida, mas com certa decência. Vê-se seu rosto cruzando a soleira da porta. Usa um xale negro de lã.*

ROSINELLA:

Com licença?

D'ANDREA:

Entre, entre!

ROSINELLA:

Serva de vossa senhoria. Ah, Jesus meu, senhor Juiz, vossa senhoria mandou chamar meu pai? Por quê? Este susto nos tirou todo o sangue das veias!

D'ANDREA:

Se acalme! De que te assustas!

ROSINELLA:

É que nós, excelência, nunca tivemos nada a tratar com a Justiça!

D'ANDREA:

A Justiça os apavora tanto assim?

ROSINELLA:

Sim, senhor. E lhe digo: não temos mais sangue nas veias! A gente má, excelência, tem assuntos a tratar com a Justiça. Nós somos quatro pobres desgraçados. Se até a Justiça agora se volta contra nós...

D'ANDREA:

Mas não. Quem lhe disse uma coisa dessas? Fique tranqüila. A justiça não está contra vocês.

ROSINELLA:

E por que então vossa senhoria mandou chamar meu pai?

D'ANDREA:

Seu pai é que quer ficar contra a Justiça.

ROSINELLA:

Meu pai? Que diz?!

D'ANDREA:

Não se assuste. Veja que eu mesmo rio... Mas como? Não sabe que seu pai se meteu numa querela com o filho do prefeito e do assessor Fazio?

ROSINELLA:

Meu pai? Não, senhor! Não sabemos de nada. Meu pai está numa querela?

D'ANDREA:

Aqui estão os autos!

ROSINELLA:

Meu Deus! Meu Deus! Não lhe dê atenção, senhor Juiz! Há mais de um mês, está como louco, meu pai! Não trabalha há mais de um ano, entende? Porquê o expulsaram, o jogaram no meio da rua; fustigado por todos, fugindo de todos como um pestilento! Ah, ele quer brigar? Com o filho do prefeito? Está louco, está louco! É esta guerra infame que todos

Ihe fazem, com esta fama que lhe deram, que lhe tolheu o cérebro! Por favor, senhor juiz: faça ele retirar esta queixa! Faça-o parar!

D'ANDREA:

Mas sim, minha cara! Quero exatamente isso. E lhe fiz chamarem por isso! Espero que consiga. Mas você sabe: é muito mais fácil fazer o mal que o bem.

ROSINELLA:

Como, excelência?! Mesmo para vossa senhoria?

D'ANDREA:

Mesmo para mim. Porque o mal, minha cara, se pode fazer a todos e por todos. Mas o bem, só àqueles que precisam.

ROSINELLA:

E o senhor não acredita que meu pai precise?

D'ANDREA:

Acredito, acredito. Mas é que fazer o bem, minha filha, deixa sempre ressentidos aqueles que queremos beneficiar, e o benefício torna-se difícilimo. Entende?

ROSINELLA:

Não, senhor, não entendo. Mas faça de tudo, vossa senhoria! Para nós não existe mais o bem nesta cidade, não temos sossego.

D'ANDREA:

Mas vocês não poderiam ir embora desta cidade?

ROSINELLA:

E ir pra onde? Ah, vossa senhoria não sabe como é! A carregamos conosco, esta fama, onde quer que vamos. Não se arranca nem com uma faca. Ah, se visse o meu pai, como mudou. Deixou crescer a barba — um barbarrão que parece uma coruja... Costurou para si um traje, excelência, que quando vestir, assustará a gente, fazendo fugir até os cães!

D'ANDREA:

Mas por quê?

ROSINELLA:

Só ele sabe porquê! Mas lhe aviso: está enlouquecido! Faça ele retirar a queixa, pelo amor de Deus!

*Ouve-se baterem na porta.*

D'ANDREA:

Quem é? Entre!

MARRANCA: *(tremendo, entrando no gabinete)*

Ei-lo, senhor Juiz! O que... o que devo fazer?

ROSINELLA:

Meu pai?

*Rosinella fica de pé, assustada.*

ROSINELLA:

Meu Deus! Não deixe ele me ver aqui, excelência, por favor!

D'ANDREA:

Por que? O que é? Ele te come viva, se te vê aqui?

ROSINELLA:

Não, senhor. Mas não quer que saíamos de casa. Onde me escondo?

D'ANDREA:

Aqui. Não tenha medo.

*D'Andrea abre a saída oculta na parede esquerda.*

D'ANDREA:

Saia por aqui! Siga pelo corredor adiante e encontrará a saída.

ROSINELLA:

Sim, senhor. Obrigada. Meus cumprimentos a vossa senhoria. Sou sua serva.

*Sai pela portinhola. D'Andrea fecha a portinhola.*

D'ANDREA: *(para Marranca)*

Faça-o entrar!

MARRANCA: *(abrindo ao máximo a porta, mantendo-se afastado, com medo)*

Em frente, em frente... pode entrar...

*Entra Rosario Chiàrchiaro. Tem uma cara de maldito que é um espanto aos olhos. Deixou crescer sobre as bochechas amareladas uma barba encrespada e cheia. Sobre o nariz um óculos com armação feita de osso que lhe assemelha a uma coruja. Veste um traje lustrado, cor de rato, que lhe aperta por todos os lados, e uma bengala com alça de chifre na mão. Entra em passos de marcha-fúnebre, golpeando o chão com a bengala a cada passo, e pára defronte o juiz.*

D'ANDREA: *(com uma explosão violenta de irritação)*

Ah, faça-me o favor! Que história é essa? Se envergonhe, homem!

CHIÀRCHIARO: *(sem intimidar-se minimamente à explosão do juiz, arreganha os dentes amarelados e diz baixo)*

O senhor, então, não acredita?

D'ANDREA:

Lhe pedi que me fizesse o favor. Não façamos mais brincadeiras, caro Chiàrchiaro! Sente-se, sente-se aqui!

*D'Andrea se aproxima, fazendo um movimento de colocar a mão no ombro de Chiàrchiaro, para induzi-lo a sentar-se.*

CHIÀRCHIARO: *(num segundo, esquivando-se, num frêmito)*

Não se aproxime! Olhe lá! Quer perder a vista dos olhos?

D'ANDREA: *(olhando-o friamente)*

Enfim... Como lhe for mais cômodo... Mandei chamá-lo pelo seu bem. Ali tem uma cadeira: sente-se!

*Chiàrchiaro pega a cadeira, senta-se, olha o juiz. Com as mãos, roda a bengala sobre as pernas, como um rolo de macarrão, balançando a cabeça por um tempo. Ao final, resmunga:*

CHIÀRCHIARO:

Pelo meu bem? Pelo meu bem, o senhor disse? Tem coragem de dizer “pelo seu bem”! E o senhor se imagina fazendo o meu bem, senhor juiz, dizendo que não crê na maldição?

D’ANDREA: *(sentando-se)*

Quer que eu lhe diga que creio? Lhe direi que creio! Está bem?

CHIÀRCHIARO: *(sério, com tom de quem não está para brincadeiras)*

Não, senhor! O senhor tem motivos para acreditar de verdade. De ver-da-de! Não só, mas deve demonstrá-lo, instruindo o processo!

D’ANDREA:

Ah, olhe: isto será um pouco difícil!

CHIÀRCHIARO: *(levanta-se, intentando sair)*

Então me vou!

D’ANDREA:

Ei, basta! Sente-se! Mandei parar com esta história!

CHIÀRCHIARO:

Eu, com história? Não me provoque; ou terá uma experiência pavorosa... Veja lá! Veja lá!

D’ANDREA:

Ora, pois eu não vejo nada!

CHIÀRCHIARO:

Veja bem, que estou lhe avisando! Sou terrível, sabia?

D'ANDREA: (*severo*)

Basta, Chiàrchiaro! Não me esgote. Sente-se e tratemos de nos entender. O chamei para mostrar que o caminho que você tomou não é propriamente aquele que vai conduzi-lo a bom porto.

CHIÀRCHIARO:

Senhor Juiz, eu estou contra a parede, num beco sem saída. Mas de que porto, de que caminho está falando?

D'ANDREA:

Deste pelo qual lhe vejo trilhando e daquele lá, da ação que está movendo. Já um e outro, me desculpe, são entre eles assim...

*D'Andrea opõe os dois dedos indicadores, para mostrar que os dois caminhos são incompatíveis.*

CHIÀRCHIARO:

Não, senhor. São apenas para o senhor, juiz!

D'ANDREA:

Como não? Aqui no processo, acusa dois homens de difamação porque crêem-no pé-frio, mas quer que eu — justo eu — acredite na sua maldição ou coisa parecida!

CHIÀRCHIARO:

Sim, senhor. Perfeitamente.

D'ANDREA:

E não parece também ao senhor que temos aí uma contradição?

CHIÀRCHIARO:

Me parece, senhor juiz, uma outra coisa. Que o senhor não entende nada!

D'ANDREA:

Diga, diga, caro Chiàrchiaro! Talvez seja uma verdade sacrossanta, o que tem a dizer. Mas tenha a bondade de explicar-me, porquê não entendo nada mesmo.

CHIÀRCHIARO:

Lhe explico num segundo. Não só o farei ver que o senhor não entende nada, mas ainda ver pra crer que o senhor é meu inimigo.

D'ANDREA:

Eu?

CHIÀRCHIARO:

O senhor, o senhor mesmo. Me diga uma coisa: sabe ou não sabe que o filho do prefeito contratou para defendê-lo o advogado Lorecchio?

D'ANDREA:

Sei.

CHIÀRCHIARO:

E sabe que eu — eu, Rosario Chiàrchiaro — eu mesmo, em pessoa, fui ao advogado Lorecchio dar-lhe todas as provas do fato: isto é, que eu não só estava ciente há mais de um ano, que todos, vendo-me passar, faziam o benz'a deus e outros esconjuros mais ou menos discretos. Mas também as provas, senhor Juiz, provas documentais, testemunhos irrefutáveis, entende? Irrefutáveis por causa dos fatos assustadores, sobre os quais se edificou inabalável — inabalável — a minha fama de pé-frio?

D'ANDREA:

Você? Como? Você forneceu as provas ao advogado do adversário?

CHIÀRCHIARO:

A Lorecchio. Sim, senhor.

D'ANDREA:

Bem... Confesso que entendo ainda menos.

CHIÀRCHIARO:

Menos? Ora, o senhor não entende absolutamente nada!

D'ANDREA:

Desculpe... Foi levar estas provas que lhe comprometem ao advogado adversário. Por quê? Para tornar ainda mais certa a absolvição daqueles dois? Mas então por que move o processo contra ambos?

CHIÀRCHIARO:

Mas esta pergunta é a prova, senhor juiz, de que o senhor não entende mesmo nada! Eu entrei com este processo porque quero o reconhecimento oficial do meu poder. Ainda não entende? Quero que seja oficialmente reconhecido este meu poder terrível, que é agora meu único patrimônio, senhor juiz!

D'ANDREA: *(comovido)*

Ah, pobre Chiàrchiaro, meu pobre Chiàrchiaro, agora entendo! Belo patrimônio, pobre Chiàrchiaro! E o que fazer com ele?

CHIÀRCHIARO:

O que fazer? Como “o que fazer”? O senhor, caro juiz, para exercer esta profissão de juiz — ainda que tão mal, a exerça — não teve que ser diplomado?

D'ANDREA:

Bem, sim, diplomado...

CHIÀRCHIARO:

Então! Quero também um diploma, um atestado: a patente de azarento e pé-frio. Com selo e carimbo. Chancela legal. Pé-frio notoriamente reconhecido em régio tribunal!

D'ANDREA:

E depois? O que fará?

CHIÀRCHIARO:

Que farei? Mas o senhor é mesmo lento, hein? Colocarei no meu cartão de visitas! Ah, e lhe parece pouco? A minha patente! A minha patente! Será doravante a minha profissão! Eu fui arruinado, senhor juiz! Sou um pobre pai de família. Trabalhava honestamente. Me botaram

pra fora e me jogaram no meio da rua, por causa desta fama de pé-frio! Na rua da amargura, com uma esposa parálitica, há três anos entredada no leito! E com duas moças, que se o senhor as visse, senhor juiz, lhe arrancaria o coração a pena que dão. Bonitinhas as duas — mas ninguém vai querer desposá-las, porque são minhas filhas, entende? Sabe de que vivemos agora os quatro? Do pão que deveria encher a barriga do meu outro filho, que tem a sua própria família, três meninos! E lhe parece que meu pobre filho agüentará por quanto tempo este sacrifício por mim? Senhor juiz, não me resta outra alternativa que exercer a profissão de pé-frio.

D'ANDREA:

Mas o que ganhará com isso?

CHIÀRCHIARO:

O que ganharei? Ora, lhe explico. Mas, repare: me cai bem este traje. Faço tremer! Esta barba... este óculos... É só o senhor me fazer a graça de bater o martelo, que entro em campo! O senhor pergunta como? Se ainda me pergunta — repito — é porque é meu inimigo declarado!

D'ANDREA:

Eu? Mas pareço seu inimigo?

CHIÀRCHIARO:

Sim senhor, o senhor! Porque teima em não acreditar em meus poderes! Mas por sorte acreditam os outros, sabe? Todos acreditam. Esta é a minha fortuna! Existem tantas casas de jogo nesta cidade! Bastará que eu me apresente. Não será preciso dizer nada. O gerente da casa, os jogadores, me pagarão para não ter-me por perto, e fazendo-me ir embora! Vou zumbir como uma mosca ao redor de cada fábrica; vou me fixar ora frente uma loja, ora frente outra. Ali tem uma joalheria? Em frente à vitrine daquela joalheria fico plantado. (*representando*) Me ponho a encarar a gente assim. (*representando*) E quem acha que entraria na loja para comprar uma jóia, ou mesmo olhar a vitrine? Virá fora o patrão e me colocará nas mãos três, cinco liras para que eu me coloque de sentinela defronte à loja de seu rival. Entende? Será uma espécie de taxa que eu passarei a cobrar.

D'ANDREA:  
A Taxa da Ignorância!

CHIÀRCHIARO:  
Da ignorância? Mas não, meu caro! A Taxa da Saúde! Porque acumulei tanta bile e tanto ódio, eu, contra toda esta asquerosa humanidade, que creio realmente, senhor juiz, ter comigo o poder de fazer ruir uma cidade inteira! — Percebe! Percebe por Deus! Não vê? O senhor parece uma estátua de sal!

*D'Andrea é tomado de uma profunda piedade, atônito, a mirá-lo.*

CHIÀRCHIARO:  
Mexa-se! E se ponha a instruir este processo que fará história, de modo que os dois acusados estarão livres pela inexistência de delito. Isto significará para mim o reconhecimento oficial de minha profissão de pé-frio!

D'ANDREA: *(levantando-se)*  
A sua patente?

CHIÀRCHIARO: *(em pose grotesca, batendo a bengala)*  
A minha patente, sim, senhor!

*Mal termina de falar, a janela se abre com o vento, fazendo tombar a coluna, derrubando a gaiola com o pintassilgo.*

D'ANDREA: *(gritando, acorrendo)*  
Ah, meu Deus! O pintassilgo! O pintassilgo! Ah, meu Deus! Está morto... morto... A única lembrança de minha mãezinha... morto... morto...

*Com os gritos, entram apressados os três juízes e Marranca, que ficam pálidos ao verem Chiàrchiaro.*

TODOS:  
Mas o que houve?

D'ANDREA:  
O vento... a janela... o passarinho...

CHIÀRCHIARO: *(com um grito de triunfo)*  
Mas que vento?! Que janela?! Fui eu! Não queria acreditar e lhe dei a prova! Eu! Eu! E como morreu o passarinho...

*Subitamente, aos temores dos presentes, que tentam se afastar:*

CHIÀRCHIARO:  
... Assim, um a um, morrerão todos vocês!

TODOS: *(protestando, suplicando, rogando em coro)*  
Pela sua alma! Segure a língua! Deus, nos ajude! Sou um pai de família!

CHIÀRCHIARO: *(alto, estendendo a mão)*  
E então aqui, depressa — paguem a taxa! — Todos!

OS TRÊS JUÍZES: *(tirando dinheiro do bolso)*  
Sim, depressa! Aqui está! Mas vá! Pela graça de Deus!

*Exultante, para o juiz D'Andrea, com a mão estendida.*

CHIÀRCHIARO:  
Viu? E ainda não tenho a minha patente! Instrua o processo! Estou rico! Rico!

FIM